

AS NARRATIVAS DE GESTORES E DOCENTES SOBRE OS DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA O TRABALHO COM A EDUCAÇÃO SEXUAL EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE CARANGOLA-MG.

Victoria Carolina da Fonseca Campbell Rocha ¹

Raquel Santos Pereira²

Iucif Lemos do Nascimento³

Jairo Barduni Filho ⁴

RESUMO

E a vivência em espaços educativos de creches, pré-escolas e escolas que certamente os sujeitos produzem experiências, saberes, narrativas, estratégias, reflexões e aprendizagens diversas no processo de subjetivação das identidades docentes e discentes. Essas experiências são tomadas como definidoras para o reconhecimento nesses espaços, de maneira que elas fornecem um pertencimento ancorado num tipo de saber sobre gênero, sexualidade e educação sexual. O artigo reflete sobre a formação de professores(as) nos estudos de gênero com profissionais de uma escola localizada no município de Carangola-MG a partir de suas narrativas sobre desafios e as possibilidades didáticas para o trabalho com a educação sexual na escola. A pesquisa, que possui duas bolsistas pelo PAPQ (Programa Institucional de Apoio à Pesquisa 11-2022) da UEMG, se encontra em andamento e é de cunho qualitativa. Os dados coletados serão: narrativas oriundas da técnica de entrevista semiestruturada. Tais narrativas, analisadas com base nas obras de Louro (1997) e Furlani (2011) servindo para que pudéssemos compreender se esses docentes, gestores(as) e bibliotecária tiveram contato com o assunto no período de formação docente, se o PPP da escola trata do tema e o como que a escola lida com possíveis resistências das famílias ao proporem trabalho com educação sexual que tenham como foco: identidade, cuidado com o corpo, percepção sobre o toque positivo e o toque negativo, o *bullying*, respeito às diferenças, etc. As narrativas apontam para a dificuldade de se abordar o assunto com os pais, a maioria dos entrevistados não tiveram contato nem na formação inicial nem na formação continuada com os estudos de gênero e educação sexual, mas, entendem a importância do trabalho transversal da educação sexual bem como estão dispostos a aprender e colaborar com a pesquisa.

Palavras-chave: Educação sexual, docência, experiência, didática.

INTRODUÇÃO

A vivência cotidiana produz algum tipo de experiência, que, como diz Larrosa (2002, p. 68), “é sempre do singular, não do individual ou do particular, mas do singular. E o

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Minas Gerais - UEMG, vickcampbell15@gmail.com

² Graduanda do Curso de Letras da Universidade Estadual de Minas Gerais - UEMG, raquelpereirasts@gmail.com

³ Graduando do Curso de Letras da Universidade Estadual de Minas Gerais - UEMG, iuciflemos17@gmail.com

⁴ Professor orientador: Jairo Barduni Filho, Doutor em Educação, - UFJF, professor da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG-Carangola jairobardunifilho@gmail.com

singular é precisamente aquilo do que não pode haver ciência, mas sim paixão”. As experiências ocorrem no limiar da travessia e do perigo que pressupõem a abertura ao novo. Segundo Larrosa (2002, p. 25), “tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo”. Sabemos que parte das experiências profissionais de educadores e educadoras são tomadas como definidoras para o reconhecimento da docência em tais espaços, de maneira que elas fornecem um pertencimento ancorado num tipo de saber sobre gênero, sexualidade e educação sexual. No ano de 2023 com apoio do programa chamado PAPQ (Programa institucional de apoio à pesquisa) da UEMG, tivemos a aprovação da pesquisa intitulada: *O uso da didática para trabalhar educação sexual na escola – desafios e possibilidades com crianças do quinto ano*, trata-se de uma pesquisa cujo objetivo é coletar as impressões-narrativas sobre os temas que versem sobre educação sexual com crianças de três turmas dos quintos anos em oficinas didáticas. Contudo, para melhor diagnosticarmos o território escolar que escolhemos para realizar a pesquisa, planejamos como primeira etapa uma entrevista semiestruturada com os(as) professores(as), gestores(as) e bibliotecária uma vez que a biblioteca foi o espaço escolhido de realização das oficinas. Assim sendo, o objetivo deste artigo que diz respeito à primeira etapa da pesquisa que é o de buscar saber quais as experiências os(as) docentes, gestores(as) e bibliotecária possuem a respeito da oferta da educação sexual na escola, seus desafios e possibilidades.

A pesquisa se justifica pelo desejo de compreender e debater esse tema sensível e por vezes polêmico, mas, ao mesmo tempo urgente e necessário que são as possibilidades didáticas para se trabalhar educação sexual tanto com crianças, um assunto de extrema relevância para os estudos de gênero e, claro, para a formação de professores. Quando falamos em formação de professores, também temos de repensar os currículos dos cursos de formação inicial para que a presença ou a ausência de disciplinas que versem sobre a educação sexual seja problematizada, ou seja, quando existem disciplinas voltadas para os temas transversais como elas são oferecidas, qual a periodicidade? E, se não é oferecida, qual seria o motivo da ausência? Claro, também é preciso que as futuras profissionais de ensino enxerguem a oferta como uma importante oportunidade para a formação e, cobrem a ausência do debate, de disciplinas que abarquem a educação sexual. Falar de educação sexual é mover uma peça de uma estrutura de gênero binária que existe socialmente na nossa sociedade enquanto um constructo histórico. Assim, falar desses assuntos é promover uma educação crítica e reflexiva em relação ao preconceito de gênero e a aversão às diferenças além da

necessária busca por uma formação cidadã e integral para meninos e meninas, homens e mulheres.

É importante sabermos que gênero e sexualidade permeiam todo o cotidiano de uma escola, afinal, como aponta Louro (1997): “tanto a dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento” (p.27). Assim, importa pensar em como a identidade de gênero vai se construindo através de símbolos, discursos, relações sociais que acontecem no cotidiano escolar, são as identidades escolarizadas como aponta a autora.

Será que devemos naturalizar que meninos são mesmos agitados, violentos, inquietos e que meninas são dóceis, delicadas e mais bem comportadas. Trata-se de questionarmos exatamente como essas identidades escolarizadas são forjadas pela cultura escola e seus códigos, rituais, linguagens, materiais didático-pedagógicos, afinal, quando ocorre o inverso desses comportamentos, logo é acionado o alarme de desvio de comportamentos tanto para o menino quanto para a menina transgressores de suas identidades pré-concebidas pelas expectativas dos adultos, seus tutores. Segundo Louro (1997):

Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidades, etnia, classe – são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores. Todas essas dimensões precisam, pois, ser colocadas em questão. (p.64).

Portanto, o trabalho com uma educação sexual pode ajudar a questionar o status de desigualdade de gênero, desigualdade de papéis, afinal, se entendermos a sexualidade como parte do desenvolvimento, das manifestações sociais e identitárias do sujeito, então precisamos pensar a discussão da sexualidade em todos as fases de desenvolvimento das aprendizagens escolares. Como aponta Furlani (2011 p.65 *apud* Haffner 2005 p.20) as crianças sexualmente saudáveis:

São aquelas que sentem bem com seus corpos; Que respeitam os membros da família de outras crianças; Que entendem o conceito de privacidade; Que tomam decisões adequadas para à sua idade; Que ficam à vontade para fazerem perguntas; Que se sentem preparadas para a puberdade (p.65).

Assim, é importante buscar identificar quais são os conhecimentos, as percepções que as crianças possuem a respeito das descobertas corporais, do que elas pensam sobre ser menino e ser menina, como compreendem as brincadeiras tidas para meninos e para meninas e, como se organizam para brincarem juntos, quais os papéis, personagens são inventados,

como elas interpretam histórias que problematizam os papéis de gênero, as sexualidades, a pluralidade familiar etc. Além disso, como se expressam frente a possíveis preconceitos. Assim, trabalhar com educação sexual pode ser um momento prazeroso de aprendizagem de valores, respeito, cidadania e solidariedade. Como um dos maiores benefícios de se trabalhar com educação sexual com crianças é o fato de podermos discutir a descoberta corporal, falar que ela é expressão da sexualidade. De acordo com Furlani (2011):

A escola pode educar a criança a aprender noções acerca de intimidade e privacidade pessoal, entendendo o momento e o local apropriado para tais manifestações. Há uma grande diferença entre “educar para a negação-proibição” da sexualidade e “educar para a positividade-consentimento” das expressões sexuais (p.68).

No mais, a Educação Sexual enquanto uma oferta que está prevista nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), (BRASIL, 1997):

De forma diferente, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto-referência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui de Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas antes a complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação. (p.83).

Além disso, quando falamos em oferta da Educação Sexual para crianças e adolescentes, é importante que saibamos se tratar de um tema já existente na legislação que regem a nossa educação para uma proteção integral das crianças e adolescentes, ou seja, são leis que embasam as questões ligadas à sexualidade, diversidade, como é apontado pela: Constituição Federal (C.F) de (1988), em seus artigos 205º, 206º e 227º. No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de (1990) em seus artigos 1º, 4º, 5º, 245º entre outros que versam sobre proteção e direito das crianças e adolescentes e, obrigatoriedade do responsável escolar em denunciar casos de abusos às autoridades. Logo, a responsabilidade é tanto da família quanto da escola.

METODOLOGIA

O primeiro passo desta etapa da pesquisa foi realizar uma revisão bibliográfica sobre o assunto. De acordo com Macedo (1996), a pesquisa bibliográfica pode ser compreendida da seguinte forma:

(...) é a busca de informações bibliográficas, seleção de documentos que se relacionam com o problema de pesquisa (livros, verbetes de enciclopédia, artigos de revistas, trabalhos de congressos, teses etc.) e o respectivo fichamento das referências para que sejam posteriormente utilizadas (na identificação do material referenciado ou na bibliografia final) (p.13).

Em seguida elaboramos um roteiro contendo perguntas para serem feitas com as três professoras regentes dos quintos anos, a diretora, o vice-diretor, a supervisora e a bibliotecária. O intuito das entrevistas é compreender conceitos, opiniões, percepções a respeito de como gestores e professores enxergam sua formação no que diz respeito ao trabalho com os assuntos relacionados à educação sexual bem como saber quais os desafios para uma escola pública estadual trabalhar com os assuntos voltados ao tema da educação sexual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entrevistadora: Em sua opinião, quais são os maiores desafios e limites para trabalhar com os assuntos relacionados a Educação Sexual na escola? Justifique por favor!

Entrevistada Diretora Keyla: A aceitação dos pais é o primeiro desafio. Porque os pais se assustam muito por já pensarem que é para ensinar sexo aos seus filhos. E realmente é um mundo muito desconhecido, pois se olharmos, nós os pais, eu falo nós porque eu também sou mãe e sei como é difícil conversar certos assuntos com os filhos e quando fala que é outra pessoa que vai falar, muitos ficam com medo porque não sabem como será falado. Então o maior desafio é a aceitação dos pais em relação a não saber qual será o direcionamento.

Entrevistado: Vice diretor Cristian: Primeiro desafio é o controle da turma em si, porque só de você falar já gera um alvoroço e é aquele negócio de ficarem comentando sobre isso de uma forma torta ao que foi passado. Porque hoje em dia as crianças estão vivenciando muitas coisas dentro de casa e ela passa por inúmeras situações. Aqui na escola já houve vezes das crianças chegar e relatar coisas que os pais praticavam e que a gente sabe que não é o ideal pra nenhuma criança. Então acho delicado por causa dessas situações, mas a gente sabe que tem crianças não tem esse momento de diálogo. Mas é difícil fazer essa conexão, um acaba falando mais com outro e tem uma facilidade às vezes de falar coisas até que a gente não quer falar. Então acho que a dificuldade maior é nesse sentido.

Entrevistada: Supervisora Malaine: O maior desafio é os pais entenderem a necessidade de se trabalhar a educação sexual com seus filhos nas escolas.

Entrevistado: Professor Pedro: Acredito que o maior desafio é a questão do conhecimento, porque é um tema como eu já disse polêmico, é um tema que precisa ser bem estruturado para ser empregado. Para isso, tem que ter conhecimento, tanto de quem vai estar fazendo esse trabalho, junto no caso com o regente e mesmo que não seja de dentro do ambiente escolar, mas também da própria família. Assim evita que por falta de conhecimento ela faça uma interpretação errônea do trabalho será tratado.

Entrevistada professora Cassia: São os pais... bem difícil, e a questão de religião também, que tem aluno aqui que pais não aceitaram por causa da religião e outros.

Entrevistada professora Josiana: pra mim os maiores desafios são a questão das famílias por que eles não conseguem entender isso, como é a educação, como ultrapassando etapas, já pulando algo que eles ainda são muito infantis para se estar trabalhando isso, então eu vejo como um tabu a ser quebrado pelas famílias.

Entrevistada Bibliotecária: Como falar, como chegar nas crianças e falar sobre o assunto. Inclusive aconteceu de eu encontrar na biblioteca duas crianças que pegaram um boneco e ficaram fazendo movimentos sexuais com eles, na hora eu questioneei a eles se eles estavam presenciando ou vocês estavam vendo filme, que levou eles a fazerem isso com os bonecos e um aluno do terceiro ano e outro do quinto. Se tratando de crianças é difícil até de formular uma maneira de chegar e dependendo da forma que você fala, porque a gente pode falar uma coisa que pode ofender ou a criança pode levar de outra forma para casa, então pode gerar um situação ruim ou acabar sem querer oprimindo a criança.

Com base nas respostas dos entrevistados, gestores, professores e bibliotecária, é possível destacar alguns pontos, que os mesmos consideram como uma dificuldade para a implementação da educação sexual dentro da escola Melo Viana. Esses pontos destacados ajudarão a nortear o desenvolvimento e análise ao decorrer da pesquisa. A primeira dificuldade a ser apresentada, é a falta de compreensão e aceitação por parte das famílias dos alunos ou até mesmo o receio de outra pessoa falar com seus filhos sobre um assunto, o que, na maioria das vezes, não é tratado nem dentro da própria casa.

A segunda dificuldade apontada é a falta de preparo e capacitação dos profissionais da educação, que acabam não sabendo por onde começar uma vez que não tiveram contato com o assunto na formação ou tiveram, porém, em um viés biológico-higienista ou moral-tradicionista. E a terceira dificuldade apontada foi a, prévia exposição das crianças, de forma equivocada e coberta de preconceitos no mundo da sexualidade. Apesar de existir essa exposição errônea, para uma boa e responsável educação sexual deve-se levar em conta os saberes comuns e científicos, não os negligenciando, mas reconhecendo como parte fundamental da formação do indivíduo. Como aponta Furlani (2011):

Ambos são constituintes das experiências dos sujeitos e são expressões da multiplicidade linguística sociocultural humana. Na educação sexual às crianças e jovens aprendem os nomes dos genitais e das partes do corpo, numa associação com a nomenclatura ensinada na família. Esse entendimento, de respeito e de reconhecimento da multiplicidade, é um primeiro e simples passo para a compreensão da diferença como algo positivo. (p. 69).

A partir desta compreensão, é possível estabelecer uma relação entre a bagagem de vivência do aluno e os conceitos de sexualidade. Dessa forma a educação sexual se torna mais acessível a compreensão não só dos alunos, mas também das famílias ao ver que seus pontos de vista são respeitados, assim conseguem compreender com mais clareza o que estará sendo tratado e o respeito e ética que ali estarão inseridos ao ensinar os seus filhos, na busca de sua formação cidadã como crianças sexualmente saudáveis.

Durante a entrevista foi possível perceber a preocupação com o preparo do educador para abordar o tema. Os professores muitas vezes não sabem por onde iniciar, para planejar

uma aula de educação sexual. Pensando nisso, que Furlani (2011, p.88) traz algumas sugestões, como por exemplo, começar com conhecimento das partes do corpo de meninos e meninas, outro ponto é as noções de higiene pessoal, conceitos como privacidade, nudez, pluralidade, toque negativo e toque positivo, entre outros. É preciso reconhecer que a sexualidade está presente dentro e fora das escolas e a aceitação desse fato ajuda o quanto antes trabalhar o caráter sexual dos sujeitos e a abertura trará o interesse dos educadores para o aprofundamento do tema e a melhora da didática.

Entrevistadora: Você teve em algum momento da sua formação inicial ou continuada acesso às discussões sobre o tema da Educação sexual na escola? Justifique por favor!

Entrevistada Diretora Keyla: Em momento nenhum que eu me lembre.

Entrevistado Vice diretor Cristian: Não na minha formação. Na verdade acredito que não só essa, mais várias questões que a gente passa no dia a dia escolar que deveriam sim ser abordadas. Porém é compreensível, porque também tem a questão dos prazos, o tempo curto e até o que os professores têm que passar acaba ficando muito básico e não conseguem ser aprofundados.

Entrevistada Supervisora Malaine: Não, não tive e eu lembro que eu só tive uma aula também de ciências. Mas acho que eu já estava na sétima ou oitava série e ele explicou os órgãos e foi só isso, nunca mais tive na minha vida, escola ou faculdade nada relacionado ao assunto.

Entrevistado Professor Pedro: Não. Nem a escola ela tem essa preocupação assim como também quando eu fiz meu trabalho de iniciação à instrução superior formação acadêmica também não tinha essa preocupação.

Entrevistada professora Cássia: Não.

Entrevistada professora Josiana: Não. Nunca tive. Então eu acho que é mesmo uma questão de, um assunto por ser um tabu, sabe? Não é muito discutido, não é muito visado, então por isso que eu acho a importância da gente tá sempre discutindo, da gente tá levando, de tá criando esse projeto pra gente ter mais conhecimento, não só os alunos, mas todos os professores também, até mesmo ser orientados a como trabalhar com os alunos. Entrevistadora Raquel: enquanto professora você se sentiria capaz de planejar atividades didáticas com temas que envolva educação Sexual, como cultura de prevenção, respeito e tolerância, combate ao preconceito de gênero e sexualidade, pluralidade familiar entre outros?

Entrevistada Bibliotecária: Sim e foi bem difícil. Porque foi em outra escola que trabalho, tive que chamar uma aluna para ter uma discussão sobre o tema e acaba que eu e a supervisora descobrimos que ela estava sendo aliciada pelo pai. Inclusive fui semana passada na delegacia depor sobre esse assunto. E uma das coisas que a aluna falou depois do desabafo foi para não contar porque ela tinha medo do pai ser preso. A escola fez a denúncia e agora a escola está fazendo o possível para ajudar essa aluna. Mas é uma situação delicada.

A entrevistada orientadora Malaine, relata que somente na sétima ou oitava série é teve em sua aula de ciência, uma aula educação sexual básica, tratando-se de uma abordagem biológico-higienista esse entendimento educacional é limitado e parece se apoiar na ideia que a educação sexual só possível a partir da capacidade reprodutiva, ou seja, do adolescente em fase de puberdade. Os professores mencionam que os assuntos relacionados à educação sexual acabam sendo tratados de forma básica, sem aprofundamento.

Destaca-se também o relato da bibliotecária, que teve que lidar com um possível caso de abuso sexual em outra escola. Nas palavras da entrevistada “é uma situação delicada”, talvez mais do que delicada, é uma situação de vulnerabilidade infantil que muitas escolas tem enfrentado. Segundo Furlani (2011):

A educação sexual tem sido chamada a considerar e a refletir sobre um problema social: os casos em que as crianças e jovens são vítimas de abuso sexual e/ou pedofilia. As atividades de educação sexual, sobretudo aquelas que discutem o corpo humano voltadas ao desenvolvimento da autonomia pessoa e corporal, podem ajudar as crianças a identificarem o momento em que a pessoa adulta “ultrapassa” os limites da sua intimidade, causando-lhes constrangimentos. (p.92).

Apesar das dificuldades e dos tabus envolvendo o assunto, a entrevistas ressaltam a importância de se discutir e abordar a educação sexual na escola. Atualmente, a escola que a bibliotecária trabalha, apresenta em seu Projeto Político Pedagógico (2022) a preocupação e combate ao *bullying* e discriminação sexual, assim, a escola como órgão público deve:

Refletir sobre tais situações que acontecem na comunidade local e global, passando muitas vezes a se manifestar dentro das salas de aula, reflexos da questão como: *bullying*, desvalorização dos docentes, familiares dos discentes envolvidos com drogas (lícitas ou ilícitas), preconceitos, consumismo, modismo, indisciplina, individualismo, falta de amor ao próximo, violência, baixa autoestima, imediatismo, o ter em função do ser, discriminação étnica, de orientação sexual, religiosa, dentre outros. (p.10).

É evidente que os educadores reconhecem a importância do trabalho transversal da educação sexual, essa conscientização dos profissionais é um passo fundamental para implementação de práticas educativas mais inclusivas e integradoras.

Entrevistadora: Como foi a experiência na sua infância com relação a Educação Sexual na escola, houve alguma apresentação do assunto, alguma proposta didática da(s) escola(s) que você estudou, conte-nos como foi a sua experiência com o assunto?

Entrevistada Diretora Keyla: Não que eu me lembre também. Eram apenas as disciplinas corriqueiras português, matemática, geografia e assim vai. Nem na minha casa lembro deste assunto ser abordado a não ser depois que fui para adolescência, mas na infância não. São tabus que vem de uma sequência, não falaram com meus pais, que por sua vez não falaram comigo e aí eu não falo para os meus. E quando finalmente vai ser tratado o tema assusta.

Entrevistado Vice diretor Cristian: Na minha casa quando eu era criança nunca tive problema em relação a isso e eu sempre fui uma criança que eu ouvia e perguntava e não adiantava me enrolar porque eu perguntava. Na minha época estava tendo muito aquela questão que tudo passava em comercial, então eu vi um comercial de camisinha e eu queria saber o que era, a minha mãe da forma dela me mostrou o que era e encheu falou que era um balão, assim deu a enrolada dela e eu fiquei tranquilo vi o que que era, tirei minha dúvida e para mim morreu o assunto. Então eu não tive nada que me marcou em relação à isso na escola, pela questão de que na minha casa era tudo muito bem explicado, não era escondido de mim, lógico tinha a questão do que falar, de como falar, o que a minha mãe achava que era certo, mas nunca teve essa questão de falar há isso não é conversa para criança. Por isso, não tive nada que me marcou em relação à educação sexual na escola e

quando vi um livro de ciência para mim foi natural, nunca foi nada é extraordinário.

Entrevistada Supervisora Malaine: Como dito antes só tive contato muito superficial com o assunto no sétimo ou no oitavo ano, através do livro de ciências.

Entrevistado Professor Pedro: Não, não tinha essa preocupação a havia também uma questão do tabu muito grande em relação a isso. As escola não abordava esse tema, não se falava isso nem na escola e nem mesmo na família. Se esse tema tivesse sido abordado poderia talvez ter evitado muitas consequências que a gente vivencia hoje, principalmente em relação à questão de gravidez é imaturas, crianças que hoje a gente vê que são frutos dessas situações totalmente desestruturadas. Que por sua vez acabam culminando dentro da escola é assim crianças desestruturadas que geraram outras crianças mais desestruturadas ainda, por falta dessa questão que não foi trabalhada lá atrás.

Entrevistada professora Cassia: ih, eu como sempre estudei em escola normal, não particular, então lá esses assuntos era muito rígido. Na minha época, né?

Entrevistada professora Josiana: então, na minha época não se falava, né? Na verdade tem um tempinho, então na se falava sobre educação sexual e muito menos nem em ciências abordava a questão do corpo dos órgãos genitais masculinos e femininos.

Entrevistada Bibliotecária: Não se falava nada sobre o assunto, nem na escola e nem em casa. Minha mãe não tocava no assunto e ainda dizia não enxugar na toalha do seu irmão se não você vai engravidar, ela nunca falou comigo sobre menstruação, tanto que da primeira vez que menstruei coloquei o absorvente ao contrário. E creio que tudo isso aconteceu por causa da criação que a minha própria mãe viveu. Nas escolas não era diferente e as crianças na época acabaram ficando sem muitas informações.

As falas de professores, gestores e bibliotecária trazem a interdição que existe historicamente em torno do assunto sexo/sexualidade. Neste caso, a interdição é uma forma social de controlar, selecionar o que deve ou não ser falado, ser pronunciado. Como diz Foucault (2010):

(...) em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais terríveis poderes. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. (p.9).

As experiências dos entrevistados trazem também posturas familiares mais abertas e outras nem tanto sobre o assunto. De certo modo, o não falar soa como uma recusa, medo, insegurança dos familiares sobre abordar ou não, não é desejável que a abordagem biológico-higienista mantenha inquestionáveis o determinismo biológico, mas, tampouco podemos descartá-la uma vez que, o silêncio pode ser pior que a abordagem, neste caso, a abordagem visa proporcionar aos indivíduos informações sobre a anatomia, fisiologia e funcionamento do corpo humano, bem como sobre as diferentes etapas do desenvolvimento sexual ao longo da vida além de questões relacionadas à saúde sexual e reprodutiva, como o uso de métodos

contraceptivos, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e promoção do respeito e consenso nas relações sexuais.

O único risco de pais e educadores se “apegarem” apenas a esta abordagem é que corre-se o risco de naturalização das desigualdades sexuais e de gênero com falas e dizeres machistas, homofóbicas e sexistas.

Entrevistadora: Existe resistência por parte das famílias com projetos e propostas pedagógicas envolvendo educação sexual? Por qual motivo tal resistência ocorre e como poderia ser vencida tal resistência?

Entrevistada Diretora Keyla: Existe resistência sim, mas teremos a total e real certeza agora quando forem as declarações de consentimento. Mas acredito que tem muitas famílias que não irão aceitar. Inclusive foi a carta de apresentação em um dia no outro já veio uma mãe dizendo que não permite. A resistência poderia ser vencida convidando esses pais que se recusaram e dando uma aula para eles de como seria para seus filhos. Para eles entenderem o assunto, pois assusta e vai falar das partes íntimas, vai falar de onde o aluno não pode ser tocado, se é um abuso ou não, vai falar da questão do respeito. Com isso, não vai só a questão da educação sexual em si, mas de algumas religiosidades também, os pais praticantes de algumas religiões não aceitam abordar certas temáticas.

Entrevistado Vice diretor Cristian: Acredito que sim, por ainda existir muitas pessoas com as mentes fechadas, talvez por não achar que é o momento apropriado de ser dito, talvez surgiu um pensamento de que se eu não falo com meus filhos não vai ser um estranho a falar, ou seja os pais não se sentem à vontade. Só pelo fato de enviarmos um bilhete e falar que será trabalhada a educação sexual, os pais já se assustam. E tudo tem que ser extremamente explicado e mesmo assim ainda aparecem questionamentos sobre o que será feito. Através de reuniões tentamos conversar e reverter a resistência, isso enquanto os pais procuram e atendem quando são chamados. E a maioria das vezes os alunos que mais precisam são os que os pais não estabelecem contato com a instituição.

Entrevistada Supervisora Malaine: Existe sim, é o que eu já tinha falado antes. Mas acho que também do mesmo jeito é que a gente tem medo de falar eu acho que os pais também têm, talvez nem é por falta de querer falar mais é por causa daquela coisa tipo assim, o pai não passou pro filho, que não vai passar para outro filho. E o silêncio passa de geração em geração entendeu. Quase que teria que ter um projeto com os professores, um com os pais e depois com as crianças.

Afinal, a educação sexual é papel da família ou da escola? Talvez, familiares que não tiveram ou tiveram apenas contato com educação sexual pelo viés biológico-higienista ou até por uma abordagem moral-tradicionista podem ser radicalmente contrário que a escola trabalhe educação sexual para/com seus filhos. São familiares que defendem que o papel da educação sexual é exclusivamente da família. Contudo, a escola também deve ensinar sobre proteção, sobre autocuidado, sobre prevenção, sobre intimidade e questões voltadas para a vida a dois, respeito, combate as discriminações, responsabilidades, todos os valores inclusivos devem fazer parte do ensino deste tenra infância. Se o panorama tende a mudar com famílias compreendendo novas formas de se pensar sobre gênero, sexualidade, educação sexual com exposição do assunto em redes sociais, mídias, novelas, e com o acesso ao conhecimento por meio de uma educação formal e, as vezes, aprendidas com a geração atual

de jovens, por outro, ainda existem aqueles pais resistentes. Neste sentido, Louro (1997) nos diz:

Há aqueles/as que negam que a educação sexual seja uma missão da escola, com o fundamento de que nela estão implicadas escolhas morais e religiosas e que ela cabe primordialmente às famílias. A pressão desses grupos vai na direção do silenciamento, possivelmente supondo que se não se tocar nessas questões elas não "entrarão" na escola. Uma suposição que se revela impossível (p.131)

Mas será que a escola precisa desempenhar essa tarefa? A escola precisa entender que a educação é política, uma vez que, incorporar assuntos para a formação cidadã é de sua responsabilidade para a formação integral da criança e do adolescente e não simplesmente pela formação dos conteúdos, para a sociedade e mercado de trabalho. Assim, a educação sexual deve começar na infância e, portanto, fazer parte do currículo escolar, um currículo multicultural, que abarque os diferentes saberes e pensamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas narrativas dos(as) docentes, gestores e bibliotecária, foi possível concluir que existe uma lacuna na formação inicial e continuada desses profissionais da escola em relação aos estudos de gênero e educação sexual. A dificuldade de abordar o assunto com os pais também é identificada como um obstáculo no trabalho relacionado à educação sexual nas escolas. No entanto, é evidente que os entrevistados reconhecem a importância do trabalho transversal da educação sexual, abordando temas como identidade, cuidado com o corpo, percepção sobre o toque positivo e o toque negativo, *bullying* e respeito às diferenças. A conscientização dos profissionais é um passo fundamental para a implementação de práticas educativas mais inclusivas e integradoras no cotidiano da escola e, claro, para a parceria que tem sido feita entre escola e UEMG-Carangola para que a educação sexual seja levada como assunto/oficinas para as crianças dos quintos anos.

Sendo assim, é fundamental a parceria da escola com a pesquisa em andamento, pois, entendemos que as oficinas de educação sexual poderá contemplar um dos pontos de melhoria do tópico – Direitos Humanos presente no que diz respeito ao direito da aprendizagem descrita no PPP (2022) da escola. Tal ponto diz: “A recomposição e reorganização das práticas voltadas para a priorização de atividades relacionadas a cidadania” (p.33). A colaboração com a pesquisa e a disposição dos entrevistados em aprender indicam a possibilidade de construir um diálogo produtivo entre a comunidade científica e profissionais

da escola visando aprimorar as práticas educativas relacionadas à educação sexual, trata-se de um início de pesquisa cujo primeiro passo já foi dado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB.** 9394/1996. BRASIL.

_____. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular, BNCC.** Brasília, 2018.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA.** Brasília: Diário Oficial da União, 1990. BRASIL.

_____. **PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual.** MEC, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

as Bibliográficas.

_____. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica.** Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2020.

FURLANI, J; **Educação sexual na sala de aula – Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças.** Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola. 20ª edição. São Paulo.

LARROSA, J. B; Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução: João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, p 20-28, Jan/Fev/Marc/Abr. 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação - Uma perspectiva pós-estruturalista.** 6ª edição. Petrópolis: vozes, 1997.

MARCEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa.** 2ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

Escola Estadual Melo Viana. **Plano Político Pedagógico – PPP.** Carangola-MG, 2022.